

ENTRE TRADUÇÃO, PSICANÁLISE E DESCONSTRUÇÃO: O INTERVALO ANASSÊMICO*

Regina Maria Fonseca FERREIRA

RESUMO *Esta dissertação reflete sobre o entrelaçamento de quatro textos: Vocabulaire de la Psychanalyse (Vocabulário da Psicanálise), de Laplanche e Pontalis (2001); L'Écorce et le Noyau (A Casca e o Núcleo), de Nicolas Abraham (1995); Moi – la psychanalyse (Eu – a psicanálise), de Jacques Derrida (2000); e Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise, de Fábio Landa (1999). A análise destes textos permitiu-me concluir que há uma convergência de reflexão que aproxima psicanálise e tradução. Por um lado, Abraham (1995) concebeu o conceito da anassemia, que descreve a produção de significado, no campo da psicanálise, concentrada no intervalo entre o consciente e o inconsciente. Ele chegou a este conceito após uma leitura psicanalítica do Vocabulaire de la Psychanalyse, o que o levou a detectar um movimento de tradução que ocorre primeiro dentro de uma determinada língua e, então, entre línguas. Por sua vez, Derrida abraça o texto de Abraham e transforma o evento da anassemia em tradução anassêmica, a que ocorre já dentro do próprio texto na língua em que foi concebido e também entre o texto de partida e o texto de chegada. Neste sentido, a produção de significado ocorre no intervalo entre as duas línguas e este intervalo produz negociação e contaminação de significância, reconhecendo, também, a diferença e a alteridade. Com base nesta convergência, concluí, em primeiro lugar, que a noção do “entre”, do in between, de Derrida, aborda a tradução como um evento anassêmico, levando em consideração a linha de reflexão psicanalítica de Abraham. Posteriormente, concluí que, embora Derrida aparentemente jamais tenha voltado a mencionar o termo anassemia em seus textos publicados após o Moi – la psychanalyse, ainda há “sintomas” da anassemia em sua obra, como na noção da différance e do double bind, na abordagem do “Eu” [Moi] da psicanálise e na forma com que Derrida declara escrever para seus tradutores e para ser traduzido, colocando-se em um intervalo de negociação e contaminação, no próprio intervalo anassêmico.*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Linguística Aplicada, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 06 de dezembro de 2002, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

Palavras-chave: Abraham, Derrida, anasemia, desconstrução, psicanálise, tradução.

ABSTRACT *This dissertation reflects upon the interweaving of four texts: *Vocabulaire de la Psychanalyse*, of Laplanche and Pontalis; *L'Écorce et le Noyau*, of Nicolas Abraham; *Moi – la psychanalyse*, of Jacques Derrida; and *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*, of Fábio Landa. The analysis of these texts allowed me to conclude that there is a convergence of interests which approaches psychoanalysis and translation. On the one side, Abraham conceived the concept of the anasemia, which describes the production of meaning, in the field of psychoanalysis, in the gap between the conscious and the unconscious. He came to this concept after a psychoanalytical reading of *Vocabulaire de la Psychanalyse*, which led him to detect a movement of translation which occurs first inside the own language and then between languages. On the other hand, Derrida embraces Abraham's text and transforms the anasemia into a translation theory, the anasemic translation, which occurs already within the source language itself and then between the source language and the target language. In this sense, the production of meaning occurs in the gap between two languages and this gap produces negotiation and contamination of meaning, acknowledging as well the difference and the otherness.*

*With basis on this convergence, I concluded first that the Derrida's notion of the "in between" approaches translation as an anasemic gap, taking into account Abraham's psychoanalytical line of reflection. Further I concluded that, although Derrida seemingly never came to mention again the term anasemia in his texts published after *Moi – la psychanalyse*, there are still "symptoms" of anasemia in his work, such as in the notion of difference and in the double bind, in the approach of the *Me* of the psychoanalysis and in the way Derrida declares to write for his translators and to be translated, placing himself in a gap of negotiation and contamination, in the anasemic gap itself.*

Keywords: Abraham, Derrida, anasemia, deconstruction, psychoanalysis, translation.

Esta dissertação evolui em torno de um termo ainda pouco explorado, apesar de já terem decorrido 35 anos desde sua publicação na França: a anasemia. O autor que concebeu este termo, Nicolas Abraham, psicanalista e tradutor húngaro radicado na França, propôs, para entendermos o evento da anasemia, uma verdadeira "conversão mental" e é esta conversão mental que vem me instigando desde a primeira leitura da obra *L'Écorce et le Noyau*, título que, na tradução de Maria José Faria Coracini, transformou-se em *A Casca e o Núcleo* (1995).

De forma resumida, eis o cenário desta dissertação: em consequência da necessidade de tradução e de organização dos conceitos psicanalíticos, foram tomadas várias iniciativas no sentido de formar glossários ou vocabulários de termos para a nova ciência ou anti-ciência - como querem alguns - inaugurada por Freud – a

psicanálise. A obra que primeiro completou este objetivo foi *Vocabulaire de la Psychanalyse*, de Jean Laplanche e Jean-Baptiste Pontalis. Essa obra é o coroamento de um projeto que durou cerca de 8 anos, demandando o empenho de vários profissionais. No Prefácio e Introdução ao *Vocabulário da Psicanálise* (2001) – título da obra em português – tanto o prefacista, Daniel Lagache, quanto os próprios organizadores da obra, Laplanche e Pontalis, deixam claros os objetivos que nortearam o projeto: buscar e manter a essência do pensamento freudiano; procurar conter a proliferação de correntes psicanalíticas não-autorizadas; e efetuar traduções fiéis dos conceitos concebidos por Freud; tudo isso tendo em mente que Freud, no entender de Laplanche, Cotet e Bourguignon, “pretendia ser fundador de um movimento organizado, para o qual sua obra desempenhasse o mesmo papel de cimento que tem o texto sagrado para uma igreja” (1992:3-4).

A partir da publicação do *Vocabulário da Psicanálise*, na França, entra em cena Nicolas Abraham. O *Vocabulário* provocou Abraham, fazendo-o manifestar-se a respeito de idéias com as quais já vinha se debatendo desde que soube que seu ingresso na Sociedade Psicanalítica de Paris fora vetado por seu próprio analista. Em suma, Abraham vinha se revoltando contra as atitudes doutrinárias dentro da psicanálise, ou seja, contra tudo que impedisse a psicanálise de desenvolver-se como teoria, como novas possibilidades de abordagem.

No entender de Fábio Landa (1999), eram estas as determinações de Abraham: primeira: a de que a psicanálise deveria ser protegida do próprio Freud, mas do Freud na fase final de sua carreira, desencantado com os pacientes (“eles são a ralé”, eles mentem) e fincado em uma posição doutrinária com relação à teoria que desenvolveu. Segunda: em decorrência da primeira, Abraham queria proteger ou preservar a psicanálise de toda atitude doutrinária (intransigência, regras, dogmas) que a impedisse de desenvolver-se como teoria, de procurar novos caminhos e soluções para os impasses que ela mesma apresenta. Terceira: que ele, Abraham, na qualidade de psicanalista, adotaria, com relação à obra freudiana, uma postura de estudioso, e não meramente de aprendiz ou de seguidor de Freud.

Com estas determinações, Abraham lança o seu texto *L'Écorce et le Noyau – A Casca e o Núcleo*. O psicanalista húngaro encontra brechas na obra de Laplanche e Pontalis em que a doutrina abre-se para a teorização, quando, então, introduz sua teoria inusitada, para a qual se torna necessária essa verdadeira “conversão mental”, já aqui mencionada.

Outra estratégia importante no texto de Abraham é a abrir mão de qualquer tentativa de abordar a psicanálise de uma forma científica para analisá-la psicanaliticamente. “Salvar a análise não pode ser outra coisa que dispor da possibilidade de aplicar à psicanálise seu próprio método de decifração”, lembra Landa (1999:162) e foi precisamente este gesto que abriu as portas para a anti-semântica da de-significação, propiciando a instalação da anasemia no discurso freudiano.

Mas, afinal, o que é a anassemia? À luz das idéias que destaquei muito resumidamente, a anassemia é uma “figura trópica sem tropos” engendrada por Abraham para marcar, por um lado, a tradução que ocorre dentro de uma mesma língua, quando a conceituação psicanalítica admite, por exemplo, a existência de termos como prazer, “prazer” e Prazer, cada qual com sua produção de significância. Por outro, na tradução de uma língua para outra, a anassemia marca justamente a negociação de significados na passagem do inconsciente para o consciente, ou de uma língua para outra, marcada por um gesto de contaminação, de rupturas e dessimetrias. No evento da anassemia, já não cabem mais os conceitos de fidelidade na tradução, da metáfora do transporte sem perdas, tanto na passagem do inconsciente para o consciente, quanto na passagem da língua de partida para a língua de chegada.

Um novo personagem entra em cena: Jacques Derrida. O pensador francês teria percebido na obra de Abraham, com muito agrado, dois aspectos que lhe falariam de perto: primeiro, o do questionamento da fenomenologia e da metafísica da presença, que já de há muito fazia parte de sua reflexão. Segundo: *L'Écorce et le Noyau* – ou A Casca e o Núcleo – é um texto que propõe uma teoria inusitada de tradução: a que se opera antes de mais nada dentro da própria língua, a exemplo de prazer, “prazer” e Prazer; sexo e Sexo, palavras que operam cada uma de uma forma dentro de suas dimensões. E essa tradução, denominada anassêmica, também se opera entre línguas, na medida em que envolve trocas, negociações, contaminações e rupturas que podem ocorrer entre o texto de partida e o texto de chegada. Aqui, já não cabe mais falar de tradução fiel, de transporte sem perdas de uma língua para outra porque sempre estará acontecendo alguma contaminação quando duas línguas entram em contato.

Para apresentar a tradução para o inglês de *L'Écorce et le Noyau* – *The Shell and the Kernel*, Derrida escreve, primeiro em francês, seu texto *Moi – la psychanalyse* (1982). Entretanto, esta obra virá ao conhecimento do público primeiramente em inglês, na tradução de Richard Klein – *Me – Psychoanalysis* (1979). O texto em português recebeu o título *Eu – a psicanálise* (2000, 2002), ou *Ego – a psicanálise*, como sugere Landa (1999:55).

Em *Moi – la psychanalyse*, Derrida abraça o texto de Abraham de tal forma que provoca o seguinte comentário de Landa (1999:197): “Pode ser que o texto de Derrida e o de Nicolas Abraham não tenham entre eles essa relação dada pela relação entre dois textos dos quais um é a introdução do outro. Seria preciso, talvez, entrever uma relação na qual a assinatura dos dois textos se joga entre os dois autores”. O que chama a atenção, no texto derridiano, é que, num gesto similar ao que levou Abraham a nos falar de prazer, “prazer” e Prazer, o pensador francês nos fala sobre tradução, “tradução” e tradução anassêmica, com o intuito de encenar as várias trocas, contaminações e negociações que ocorrem já dentro de uma mesma língua e no seu contato com uma outra.

Temos, então, neste encadeamento, o conceito de Abraham extravasando para o texto de Derrida. Por outro lado, também podemos observar um movimento inverso, ou seja, um conceito derridiano esparramando-se sobre a teoria proposta por Abraham. Nesse movimento, podemos observar um deslocamento, no processo de tradução, da ênfase logocêntrica dedicada aos pólos da língua de partida e da língua de chegada, para o foco sobre o que acontece entre esses dois pólos, ao que se denomina *inter*, *in between*, lugar de intercâmbio marcado nem sempre pelo entendimento e pelo acordo, mas certamente pelo conflito, por interrupções e dessimetrias. Pilar Godayol¹ ilustrou com muita propriedade esse momento:

A desconstrução derridiana questiona a possibilidade de chegar-se a uma total compreensão com o Outro textual e adverte sobre o perigo de se usarem termos como consenso, diálogo e boa fé [...]. Para Derrida, a relação com o outro é uma “relação louca, uma relação sem relação, que entende o outro como outro em uma certa relação de incompreensão” [...]. Não se trata de colocar-se em seu lugar, nem de entendê-lo completamente. O Outro é outro e, como assegura Derrida, “... em dado momento é necessário que o outro permaneça como outro”. Isto implica que toda relação tradutológica com o Outro textual contenha interrupções, termo derridiano que, como sugere David Wood, “... é cuidadosamente sintonizado com seu propósito, para capturar uma quebra, uma ruptura, no inter, o entre [between] pelo qual nos relacionamos com o outro”². [...] A sedução do entre é essencial na (in)comunicação com o Outro textual derridiano.

Essa noção de deslocamento, no espaço textual e na tradução, para o relacionamento com o Outro, para a sedução do *entre*, levou-me a localizar uma semelhança entre esse cenário e o da anassemia.

A anassemia concentra o Inconsciente numa posição de Núcleo em relação a uma Consciência concebida como Invólucro ou Casca, e a formação dos símbolos acontece nas negociações estabelecidas entre as exigências desses dois pólos (Abraham, 1995, p. 206). Landa³ ilustra essas negociações como estabelecidas entre um Eu (em posição de Invólucro, de Casca) e um Outro (em posição de Núcleo, de Inconsciente). A relação entre esse Eu e o Outro – o estrangeiro que habita em mim, segundo ele – será sempre dialógica, sem que nenhuma das partes deixe de ser estrangeira para a outra.

A principal consequência que pude apurar do paralelo que tracei entre o conceito derridiano, assimilado por Godayol como a sedução do *entre*, e a figura da

¹ Em palestra ocorrida na UNICAMP em 22.05.2000. Godayol é professora da Universidade de Vic, Espanha.

² *Philosophy at the limit*. Londres: Unwin Hyman, 1990, p.127.

³ Em palestra proferida na UNICAMP em 24.11.1999.

anassemia engendrada por Abraham é que fica mais uma vez encenada a convergência de reflexões da tradução e da psicanálise. Da mesma forma que a relação entre os discursos do analista e o do paciente estão sujeitos a ser ao mesmo tempo dessimétricos (cf. Landa, 1999:145-6), sem que deixem de manter a relação, também na tradução vemos algo parecido na noção do *double bind*, na medida em que, *entre* o texto de partida e o texto de chegada, também se estabelece uma relação dessimétrica, se não impossível, mas, ainda assim, necessária.

Outra consequência importante é pensar a tradução como produção de significados, através das negociações e contaminações entre os dois pólos: entre as línguas de partida e de chegada, entre as línguas e culturas envolvidas, com suas linguagens e seus aspectos idiomáticos, com suas diferenças. E a produção ocorre justamente no que permanece de Outro, de Estrangeiro no relacionamento entre os pólos.

Na parte analítica de minha dissertação, confrontei algumas passagens do texto *Moi – la psychanalyse*, em francês (1982), inglês (1979), espanhol (1997) e português (2000, 2002), como uma forma de exercício anassêmico, ou seja: atenta àquilo que já se apresenta como um desafio de tradução dentro do próprio francês – o que já configura uma tradução dentro da própria língua – tentei apurar as consequências que a formulação da passagem apresentou no confronto com outras línguas. A título de exemplo, apresento aqui a seguinte passagem do texto derridiano:

Em francês (Jacques Derrida):

“J’introduis ici – moi -, à une traduction.”

Em inglês (Richard Klein):

“I am introducing – here – me (into) a translation.”

Em espanhol (Cristina de Peretti):

“Introduzco aquí – yo – a una traducción.”

Em português (Élida Ferreira):

“Aqui, introduzo – EU – uma tradução.”

Em português (Maria José F. Coracini):

“Introduzo – eu(me) – aqui a uma tradução...”

Em português (Regina Ferreira)

“Apresento(-me) aqui (a) uma tradução.

Na frase **em francês**:

J’introduis ici – moi -, à une traduction

Derrida não utiliza a relação *je/me* conforme a obra de Abraham, em francês, mas *je/moi*, escolha que considero também ilustrativa, pois ao *je* relaciona-se um *moi*, estabelecendo uma relação ambígua de sujeito e objeto. O verbo utilizado (*introduire*) encontra-se no presente. Além disso, *à une traduction* remete a Derrida:

“Alguém apresenta alguém a alguém” (1979:4). Fica então instalada uma ambivalência na frase: Introduzo uma tradução / Sou introduzido (por mim) a uma tradução. Chamo a atenção para o fato de que o verbo *introduire*, neste contexto, encontra-se fortemente contaminado pelo verbo *introduce*, no inglês, que significa, além de introduzir, apresentar.

Esta primeira frase, apesar de muito curta, tem a capacidade de gerar várias questões, tanto na sua concepção em francês, quanto no seu confronto com outras línguas. Chamo a atenção especificamente para o verbo *introduire*, que já se apresenta contaminado pelo inglês *introduce*. Temos, então, uma primeira tensão entre o francês e o inglês. Em espanhol, aparentemente, a tensão fica diluída, já que também nessa língua temos a noção de “introduzir” e “apresentar”. E, no português, deparamo-nos com algumas necessidades de escolha: embora “introduzir” não tenha por sinônimo dicionarizado “apresentar”, através do inglês podemos conceber também este significado para o verbo, o que também nos coloca numa situação de contaminação, em que podemos adotar tanto “introduzir” quanto “apresentar”. Por outro lado, também podemos conceber o verbo “introduzir” como fazer uma introdução. Portanto, cabe ao tradutor a responsabilidade de decidir-se sobre o indecível, de suportar conforme sua escolha o *double bind*.

Um aspecto muito rico deste exercício foi o de permitir a observação de três movimentos. Primeiro, o da tradução dentro da própria língua, ou seja, daquilo que causa tensão já na sua elaboração. Segundo, o da tradução entre línguas, encenando justamente esta situação “entre” e “no meio” – a contaminação. O terceiro movimento, que considero igualmente importante, é o das várias traduções para uma mesma língua – no caso, as traduções para o português - de Ferreira, Coracini, e minha - em que estão em jogo não apenas línguas e culturas, mas escolhas individuais.

O ALCANCE DA ANASSEMIA PARA A TRADUÇÃO E A PSICANÁLISE

Let sleeping dogs lie, diz o ditado, em clara advertência contra o movimento de reavivar, visitar, ressuscitar conceitos e idéias que já geraram muita polêmica, mas que sossegaram em algum ponto do caminho.

Por motivos indeterminados, a anassemia pareceu adormecer em algum momento após sua divulgação. Depois do *Moi – la psychanalyse* e do prefácio *Fora* (Derrida, 1999b), Derrida não voltou a abordar nominalmente a anassemia e suspeito que o termo não tenha sido utilizado por outros autores, exceto Landa (1999) e, surpreendentemente, Laplanche, Cotet e Bourguignon, em *Traduzir Freud* (1992), embora explorando a anassemia de uma forma pouco anassêmica. O próprio Abraham faleceu em 1975, poucos anos após a publicação de *L'Écorce et le Noyau*.

Então, por que ressuscitar algo que, aparentemente, ficou esquecido em algum lugar do passado? Os motivos são vários e aqui retomarei alguns momentos de

minha dissertação para argumentar a favor da restauração da anasemia, abordando principalmente seu impacto na psicanálise e na tradução.

Em primeiro lugar, se, por um lado, Derrida não voltou a retomar nominalmente o conceito da anasemia, por outro, o conceito parece reverberar em muitas das noções desenvolvidas dentro da desconstrução derridiana: a tradução dentro da própria língua, a sedução do “entre”, a formulação e a tradução de neografismos como a *différance* e até a forma com que o autor de uma certa forma dialoga com os tradutores de todo o mundo, através de seus textos, apresentam-se como o próprio alcance da anasemia.

Em segundo lugar, a anasemia, à época de sua divulgação através do texto de Abraham, não parece ter causado um impacto significativo. Entretanto, quando questionei o Professor Fábio Landa⁴ sobre por que uma teoria aparentemente tão promissora não teria “vingado”, ele me corrigiu: não “vingou” ainda. Ou seja, a noção parece ter ficado dormente para ressurgir agora; para germinar, talvez, num momento mais propício, favorecida, quem sabe, pelo desenvolvimento da teoria psicanalítica numa direção não doutrinária e mais teórica, e pela própria reflexão derridiana.

Sabemos, hoje, que Landa, que se dedica à psicanálise e à tradução, é um dos membros fundadores da *Association Européenne Nicolas Abraham et Maria Torok*. Esta associação foi fundada após a morte de Maria Torok, em 1998, com a finalidade mais imediata de organizar um colóquio sobre a obra dos dois autores húngaros, no decorrer do ano 2000. Certamente o biênio 2000-2001 foi de especial importância para o estudo da obra desses autores, quando ocorreram, em Paris, diversos seminários, cursos e publicações sobre sua obra.

Como resultado de minhas investigações, percebo que é bastante clara a convergência de reflexões entre a desconstrução e a psicanálise, entre a tradução e a anasemia, o que propicia que estudemos este tema com renovado interesse, principalmente levando-se em conta o que estas atividades e noções geram em termos de negociação, de contaminação e de produção de significados. Isto nos faz refletir com muita atenção sobre o alcance e o papel tanto da tradução quanto da Tradução da psicanálise, no meio acadêmico e na prática profissional.

Apesar das muitas pretensões a que se obrigam os trabalhos acadêmicos, esta dissertação é o que é: mais um fio urdido em uma trama textual muito mais ampla, com todos os pontos, laços, nós, dobras e desdobramentos necessários para compor um painel alusivo a esse evento insólito da anasemia, que congrega os interesses, os questionamentos da tradução, da psicanálise e da desconstrução. Portanto, encerro esta dissertação convidando os estudiosos do tema a escolher um fio solto e urdi-lo. Afinal, estamos falando de anasemia e Tradução, psicanálise e desconstrução, *vocês sabem*.

⁴ Durante o curso de férias que ministrou na UNICAMP no verão de 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Nicolas. (1995). A Casca e o Núcleo. In *A Casca e o Núcleo*, de N. Abraham e Maria Török, trad. Maria José R. Faria Coracini. São Paulo: Ed. Escuta, pp. 191-212.
- DERRIDA, Jacques. (1979). Me – Psychoanalysis: An Introduction to the Translation of “The Shell and the Kernel” by Nicolas Abraham, trad. Richard Klein. In *Diacritics*, vol. 9, no. 1 (março de 1979). Baltimore: The Johns Hopkins University Press, pp. 4-12.
- _____. (1982). Moi – la Psychanalyse. In *Meta*, Montréal, v. 27, no. 1.
- _____. (1987a). Moi – la Psychanalyse. In *Psyché, Invention de l'autre*, Paris: Galilée, pp. 145-158.
- _____. (1997). Yo – el psicoanálisis. In *Como no hablar y otros textos*. Trad. Cristina de Peretti. Projecto A – Ediciones, pp.70-80.
- _____. (1999b). Fora – As palavras angulosas de Nicolas Abraham e Maria Torok. In *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP; FAPESP, pp. 269-319.
- _____. (2000). Eu – a psicanálise - Introdução à tradução de *A casca e o núcleo* (de Nicolas Abraham). Trad. Maria José R. Faria Coracini. In *Alfa*, São Paulo, v. 44 (esp), pp. 189-95.
- _____. (2001a). *Estados-da-alma da psicanálise – o impossível para além da soberana crueldade*. Trad. Antonio Romane, Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta.
- _____. (2002). EU – a psicanálise in *Pulsional Revista de Psicanálise*. Tradução de Éliada Paulina Ferreira. São Paulo: Editora Escuta. Ano XV, n. 158, jun/2002, pp. 11-21.
- LANDA, Fábio. (1999). *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise: de Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok*. São Paulo: Editora UNESP; FAPESP.
- LAPLANCHE, Jean; COTET, P. & BOURGUIGNON, A. (1992). *Traduzir Freud*, trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J. –B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. Sob a direção de Daniel Lagache. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes.